

Buscando Sentidos Através do Tempo: Uma Observação das Transformações Urbanas do Viaduto Otávio Rocha¹

Gisele de Azevedo Endres²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

RESUMO

Essa pesquisa encontra-se em estágio inicial e propõe-se a estudar quais relações de sentido podem ser percebidas nas transformações urbanas do Viaduto Otávio Rocha antes, durante e após sua obra de revitalização. Para isso, sugere-se realizar um conjunto de registros fotográficos periodicamente em um intervalo de tempo ainda não definido, a fim de acompanhar o processo de (re)ocupação e transformação desse espaço pelas pessoas que o integrarão, além de retomar registros históricos que permitam comparar as diferentes intervenções realizadas no espaço estudado. A análise será feita a partir do método de constelações (BENJAMIN, 1984).

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Fotografia; Constelação.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O Viaduto Otávio Rocha foi inaugurado em 1932 e foi pensado para não descontinuar a Rua Duque de Caxias durante a construção da Avenida Borges de Medeiros, em 1927. Em novembro de 2022, o prefeito Sebastião Melo assinou ordem de início do projeto de revitalização do Viaduto Otávio Rocha, prevendo intervenções estruturais e estéticas. Além da recuperação dos elementos construtivos e decorativos, também estão previstas soluções para as instalações elétricas, telefônicas, sistemas de segurança e iluminação pública (CARLOSSO, 2022). Em setembro de 2023, o espaço estava com 20% dos trabalhos da reforma concluídos (MALINOSKI, 2023) e até então possuía um custo estimado em R\$ 13,7 milhões, com previsão da revitalização do local ser finalizada ainda no primeiro semestre de 2024. Recentemente a Prefeitura de Porto Alegre informou que a obra será finalizada com um atraso de 5 meses, além de ter tido um termo aditivo publicado, fazendo saltar o custo das obras de R\$ 13,7 milhões para R\$ 17,2 milhões (BITTENCOURT, 2024).

É importante ressaltar que esse processo de revitalização e limpeza do Centro Histórico da cidade se iniciou em 2021, com a retirada de lambes e adesivos colados em estruturas, além da realização de pinturas sobre pichações. No entanto, a Prefeitura de Porto Alegre foi notificada pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul após

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: gisendres@gmail.com.

representação da comunidade alegando que a pintura utilizada naquele momento não teria aprovação prévia da Equipe do Patrimônio Histórico Cultural (EPAHC), nem profissional responsável habilitado acompanhando o processo (RBS TV, 2021).

Para Jeudy (2005), há uma tentativa de uniformização patrimonial das cidades a partir de limpezas de monumentos e restaurações arquitetônicas de grandes edifícios, principalmente nos centros históricos, e que me é perceptível em Porto Alegre. Mesmo assim, há uma multiplicação frenética de signos nas cidades. “Apesar da obsessão da restauração, uma certa desordem visual persiste e convida o cidadão a criar seus próprios modos de leituras da cidade” (JEUDY, 2005, p. 81). Essa desordem visual pode ser pensada como toda e qualquer intervenção artística realizada pelas ruas da cidade, tais como colar cartazes, stickers e lambs, pinturas como grafite e o controverso pixo, além da comunicação visual como um todo advinda de lojas comerciais (placas, outdoor, publicidades).

Assim, esta pesquisa se propõe acompanhar o processo de transformação e (re)ocupação de um espaço pelas pessoas que o integram, que pode apontar um processo de apagamento dos registros ali presentes e também de criação de novos significados.

OBJETIVOS

Essa pesquisa tem como objetivo geral compreender as relações de sentido que podem ser percebidas no Viaduto Otávio Rocha, bem como objetivos específicos: retomar registros históricos que permitam avaliar diferentes intervenções; realizadas no espaço estudado; registrar os diferentes espaços do Viaduto Otávio Rocha; analisar as possíveis mudanças do espaço físico no período observado; e propor reflexões e problematizações sobre as causas das permanências e impermanências ocorridas no período estudado neste espaço.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Raquel Rolnik (1995) pensa a cidade como “um ímã, um campo magnético em que atrai, reúne e concentra homens” (ROLNIK, 1995, p. 13). A autora fundamenta que as primeiras construções surgem nas planícies da Mesopotâmia, por volta de 3000 a.C, como templos e locais para a realização de cerimônias, transformando modo do homem

de ocupar territórios, que está passando por redefinições espaciais desde que introduziu o plantio de alimento ao invés de coletá-lo ou caçá-lo (ROLNIK, 1995). Com essas mudanças se inicia o sedentarismo da civilização.

A partir dessa relação homem/natureza marcada pelas construções, Rolnik (1995) passa a entender a cidade também como escrita. Ela associa a montagem de blocos de tijolos com o agrupamento de letras que formam palavras representando determinadas ideias. Ou seja, “construir cidades significa também uma forma de escrita” (ROLNIK, 1995, p. 16).

Sendo assim, é possível dizer que cada pessoa *leia* uma cidade de forma diferente da outra? De certa forma sim, já que “a cidade excede a representação que cada pessoa faz dela” (JEUDY, 2005, p. 81). Assim, a cidade extrapola sua função inicial de *aglomeração humana* e passa a ter uma função desmaterializada, já que não se é mais projetada para durar. Há uma transposição do seu materialismo físico para um materialismo simbólico, construindo valores de um modo de vida a ser visto ou exibido (FERRARA, 2018). Explico: a especulação imobiliária nos grandes centros é uma clara forma de explorar o imaginário e criar estilos e padrões de vida e habitações, gerando uma contradição do que seria sua real função.

Ou seja, ainda que haja uma ressignificação para que a cidade seja cada vez mais voltada para uma uniformização patrimonial, focada na valorização de certos grupos sociais, haverá sempre uma desordem visual nos convidando a ler a cidade com nossos próprios olhos.

A partir dessas provocações de Ferrara (2018), penso que a melhor forma de fazer a leitura de uma cidade seja a partir de imagens fotográficas.

Dessa forma, os conceitos de Short (2013) sobre as funções básicas da fotografia são pertinentes, dando atenção especial à função *como crítica social*. Essa função é atrelada a fotografia documental, que, segundo a autora, pode ser considerada uma ferramenta que o fotógrafo utiliza para transmitir a essência de um determinado lugar (SHORT, 2013).

Ainda nesse sentido, a fotografia nos possibilita um autoconhecimento e recordação, uma expansão da criação artística e da documentação, seja de fatos ou de denúncias, já que sua condição técnica nos permite um registro considerado preciso

(KOSSOY, 2012). Assim, as fotografias podem ser usadas aqui como um recurso visual de registro da transformação urbana que o Viaduto Otávio Rocha pode vir passar.

No entanto, o modo como iremos interpretar esses registros pode ser diretamente condicionado pela forma com que são transmitidas e seus contextos. Na fotografia, para gerar sentido e coerência, são usadas técnicas de narrativas visuais para facilitar o entendimento de suas mensagens. Segundo Maria Short (2013, p. 6), narrativa "significa um relato falado ou escrito de eventos interligados, uma história que pode transmitir uma ideia". Ao utilizarmos a fotografia para transmitir certos conceitos, podemos utilizar técnicas de narrativas no desenvolvimento do relato, prendendo a atenção do público e permitindo que ele se relacione ou se identifique com as histórias e seus propósitos (SHORT, 2013). A narrativa não precisa seguir obrigatoriamente um sentido linear (início, meio fim), ela também pode ser cíclica ou fazer referências cruzadas umas às outras, que ficam mais claras quando as imagens são reunidas (SHORT, 2013).

METODOLOGIA

A fim de contemplar o objetivo geral dessa pesquisa, serão realizados registros fotográficos das transformações urbanas do Viaduto Otávio Rocha durante e após a sua revitalização, para serem analisados em conjunto com fotografias históricas. Esses registros fotográficos serão realizados em caminhadas pelo Viaduto Otávio Rocha. Dessa forma, o método cartográfico se fez pertinente. Rolnik (2011) explica que “para os geógrafos, a cartografia - diferente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2011, p. 23) e paisagens com características psicossociais também são cartografáveis. Nesse caso, a cartografia acompanha e se constrói ao mesmo tempo que se perdem sentidos e que se formam mundos - criados para expressar afetos contemporâneos, tornando obsoletos os universos vigentes (ROLNIK, 2011). Assim, o cartógrafo tem como função dar espaço para afetos que pedem passagem, focando nos entusiasmos de seu tempo e que esteja atento aos significados, devorando o que lhe parecer possível para a construção de suas cartografias. “O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (ROLNIK, 2011, p. 23). Assim, para esse projeto, o método cartográfico escolhido é o de constelação, de Walter Benjamin (1984), a partir das ideias de Rita Veloso (2018), em seu artigo Pensar por Constelações.

Para Benjamin (1984), constelação é a relação entre os itens (estrelas) de um conjunto (linhas imaginárias que unem a constelação) que são definidos não só por sua proximidade, mas também pela possibilidade de adquirir significados em grupo (VELOSO, 2018). Veloso (2018), ao fazer alusão a uma possível constelação do urbano, informa que Benjamin começou a pensar sobre a cidade ainda na década de 1920 e que a analisava a partir de estratégias de percepção, e não de produção. Para isso, Benjamin formula conceitos de fantasmagoria, iluminação profana, imagem dialética, ruptura, a partir de arranjos constelares. Benjamin pensava a cidade a partir de imagens, ou seja, construía o pensamento sobre o urbano a partir da visibilidade, vendo vestígios, cicatrizes, superposições, frestas. O que dá relevância ao pensamento-imagem-cidade benjaminiano é sua dupla criação: de um lado a fantasmagoria, uma imagem que sobrevive no presente ao nos indicar o que poderia ter acontecido naquele lugar; do outro lado o fragmento, que se percebe a partir dos tempos e idades de uma cidade que passou.

Segundo Veloso (2018), a cidade-imagem benjaminiana é uma tela com cicatrizes, ou seja, fragmentos-fantasmas do que a cidade já foi. A imagem-cidade é um lampejo, uma fagulha que brilha sobre essa tela urbana a fim de instabilizar seus componentes - topografia, edifícios, monumentos, mercadorias, corpos, terrenos -, revelando seu avesso, exigindo uma ruptura, uma descoberta de sentidos escondidos que Benjamin entende como decisivos.

Segundo o filósofo, "a quintessência de seu método é a representação" (BENJAMIN, 1984, p. 50). O método é indireto, tendo como característica a representação como desvio, fazendo o pensamento revisitar as coisas de novo e de novo, sendo assim uma forma genuína de contemplação. A partir dessa revisitação, se analisa o mesmo objeto a partir de seus diferentes níveis de significação, recebendo estímulos para que a análise seja sempre refeita, repensada, reanalisada a partir de novos pontos. No entanto, não se teme a fragmentação de sentidos, já que a estrutura se assemelha a um mosaico, com justaposição de elementos heterogêneos (BENJAMIN, 1984). O que esse método nos permite, então, é a possibilidade de analisar nosso objeto de pesquisa através de um entrelaçamento de conceitos, trazendo à tona sua verdade. Dessa forma, segundo Veloso (2018), Benjamin propõe construir constelações que ofereçam essa verdade do objeto a partir de sua apresentação, descrevendo-o de forma literária, chegando ao conceito final por meio dessa montagem de significados.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet.
- BITTENCOURT, Jônatha. **Conclusão da reforma do Viaduto Otávio Rocha deve ocorrer com cinco meses de atraso, informa prefeitura**. 2024. Publicado em Diário Gaúcho. Disponível em: <https://diariogaucha.clicrbs.com.br/dia-a-dia/noticia/2024/04/conclusao-da-reforma-do-viaduto-otavio-rocha-deve-ocorrer-com-cinco-meses-de-atraso-informa-prefeitura-clv06mb7y02jo012ju6ghjt3p.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- CARLOSO, Larisa. **Assinada ordem de início da obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha**. 2022. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/assinada-ordem-de-inicio-da-obra-de-revitalizacao-do-viaduto-otavio-rocha>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação, mediações, interações**. São Paulo: Paulus, 2018. ePUB.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- MALINOSKI, André. **Viaduto Otávio Rocha: revitalização chega a 20%, e primeiro trecho deve ser entregue em dezembro**. 2023. Publicado em GZH. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/07/viaduto-otavio-rocha-revitalizacao-chega-a-20-e-primeiro-trecho-deve-ser-entregue-em-dezembro-clk054ey500bf015lyu5irhh0.html>. Acesso em: 17 set. 2023.
- Prefeitura de Porto Alegre. **Viaduto Otávio Rocha**. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_viaduto__otavio_rocha_1.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.
- RBS TV. **MP-RS notifica prefeitura de Porto Alegre por pintura do Viaduto da Borges**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/09/24/mp-rs-notifica-prefeitura-de-porto-alegre-por-pintura-do-viaduto-da-borges.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2023.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. 4ª reimpr. da 1ª. ed. de 1988.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.
- SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- VELOSO, Rita. Pensar por constelações. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **NEBULOSAS DO PENSAMENTO URBANÍSTICO: Tomo I Modos de Pensar**. Salvador: Edufba, 2018. p. 101-121.